

Questões de gênero e sexualidade na sala de aula: um relato dos professores

Gender and sexuality issues in the classroom: teachers' accounts

¹ Ana Cristina Leal Moreira Lima

² Vera Helena Ferraz de Siqueira

¹UFRJ/ Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES)/ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências e Saúde / anamolima@ig.com.br

² UFRJ/ Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (NUTES)/Professora no Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências e Saúde verahfs@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho investigou questões de gênero e sexualidade a partir dos significados construídos por quatro professores de uma escola técnica do Rio de Janeiro. Trata-se de estudo qualitativo fundamentado no campo do pós-estruturalismo e dos estudos culturais, sendo parte de uma pesquisa de doutorado, em andamento. Os resultados evidenciam a representação de mudanças recentes na expressão da sexualidade entre os alunos, prevalecendo uma expressão mais livre da homossexualidade, de experiências sexuais e afetivas vividas. Constatamos uma diversidade na abordagem destas questões pelos professores, preponderando o enfoque biológico. Verificamos um adiamento do debate de determinadas questões manifestadas no cotidiano escolar, relacionadas à sexualidade, sob a justificativa de ser uma escola de ensino profissionalizante. Consideramos que estudos que contemplem as esferas da subjetividade e do afeto representam uma grande contribuição para este campo de estudo.

Palavras-chave: gênero, educação sexual, educação escolar

Abstract

This research investigated gender and sexuality issues in the school environment through the discourses of four teachers from a technical school in Rio de Janeiro. It is a qualitative study founded in the area of post-structuralism and cultural studies, part of an ongoing PhD degree. The results show the representation of a recent change in the expression of sexuality amongst the students, with the prevalence of a greater freedom to express homosexuality and sexual and affective experiences. There is diversity in the approaches the teachers have to these issues, nevertheless the biological focus prevails with the justification that this is a technical school, which trains students for a specific profession, discussions on issues that are brought up during everyday life at school are postponed. We believe that studies that contemplate the spheres of subjectivity and affection represent a great contribution to this area of research.

Keywords: gender, sex education, school education

Introdução

Neste trabalho investigamos de que forma questões de gênero e sexualidade são significadas por professores em um ambiente escolar de uma instituição pública de ensino

técnico na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1996, quando foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), voltados para o Ensino Fundamental, a temática orientação sexual foi oficialmente incluída no currículo brasileiro como tema transversal. Os Temas transversais, segundo o MEC, possuem uma complexidade e atravessam os diferentes campos de conhecimento sugerindo uma abordagem ampla, devendo, portanto, serem abordados por todas as disciplinas.

Na década de 1920 já era possível encontrar registros de iniciativas que abordavam a orientação sexual na escola, embora apenas na década de 80, motivada pelo aumento da gravidez na adolescência e pelo surgimento do vírus da AIDS, tenha surgido uma demanda mais acentuada de trabalhos acerca da sexualidade no ambiente escolar. (BRASIL, 1997)

Em 2000 foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais direcionadas ao Ensino Médio, que não contemplaram diretamente a abordagem a ser adotada sobre as temáticas de gênero e sexualidade, mas preconizaram a adoção da Estética da sensibilidade que aponta a sexualidade como parte integrante do aprendizado e do “*exercício da liberdade responsável*”. (BRASIL, 2000)

Independente da implementação ou não desta temática no currículo oficial, as questões referentes à sexualidade e gênero sempre estiveram presentes na escola, permeando o ambiente escolar das mais diversas formas, explícita ou implicitamente: a partir de grafites nos banheiros, corações nas carteiras e namoros no corredor, bilhetes nas salas de aula, nas brincadeiras, nas falas e atitudes dos professores e dos estudantes. (LOURO, 2001).

A abordagem da orientação sexual na escola apresenta uma série de desafios, seja pela tendência a caracterizar o sexo a partir de uma visão reducionista e biologicista, priorizando os conteúdos de biologia e ciências na compreensão da sexualidade (MAISTRO e LORENCINI JÚNIOR, 2005) (MACEDO, 2007); seja pela influência da história e concepções pessoais do professor em relação à sexualidade, propiciando preconceitos ou silenciamentos (PACHECO, 2007) ou ainda pela desconsideração de aspectos sociais e culturais que interferem na percepção do corpo (TALAMONI e BERTOLLI FILHO, 2005).

Embora a noção de sexualidade não esteja dissociada de aspectos biológicos, nem de aspectos relacionados à saúde dos indivíduos, consideramos que, tanto a sexualidade como as questões de gênero a ela associadas, são a expressão de um modo histórico, dentre outros, através do qual o sujeito se constitui. Seus significados se constroem nas relações sociais, em dadas circunstâncias e em um dado momento dentro da história. O entendimento de gênero neste estudo pressupõe as diferenças sexuais como indissociáveis de uma demarcação discursiva, trazendo em si uma categorização normativa pertencente a uma prática regulatória (BUTLER, 2001).

A constituição dos sujeitos, das suas identidades, conforme formulada nos estudos culturais, introduz vários deslocamentos à noção de sujeito oriunda do quadro epistemológico traçado pelo pensamento moderno. Para Hall (2005) o sujeito anteriormente percebido como tendo uma identidade unificada e estável, é percebido na pós modernidade como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os sujeitos são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam sendo definida historicamente, e não apenas biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Conforme os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, ocorre um confronto com uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais há a possibilidade de o sujeito se identificar - ao menos temporariamente.

Os alunos trazem para dentro do cotidiano escolar situações e posicionamentos que dialogam com o currículo, com as concepções dos professores e com a estrutura escolar como um todo. Desta forma partimos do pressuposto que a experiência de interação entre os alunos e professores a partir das relações construídas em sala de aula, nos corredores e demais espaços escolares irá interferir na constante constituição dos alunos como sujeitos e na construção de suas identidades.

Neste sentido o currículo escolar deve ser visto de forma ampla uma vez que ele tanto lida com conhecimentos como está implicado na construção de identidades. Em um sentido mais abrangente constitui uma política cultural voltada para a transmissão não apenas de fatos e conhecimentos objetivos, mas também para a construção de significados e valores sociais e culturais, ao escolher determinados conhecimentos e saberes em detrimento de outros, como nos fala as teorias do currículo. (SILVA, 2003)

Santos (2009) nos chama atenção para a tendência do pensamento científico moderno na disciplinarização do conhecimento, gerando uma segregação do saber orientada para um policiamento das fronteiras entre as disciplinas e uma repressão de uma possível transposição destas.

Identificar como as questões de gênero e sexualidade estão sendo evidenciadas e significadas a partir da fala de alguns professores, pode nos auxiliar na compreensão de como tais questões emergem e são trabalhadas em diferentes instâncias, transpassando as fronteiras disciplinares em uma escola voltada para o ensino técnico profissionalizante com forte proeminência das disciplinas técnicas.

Pautamos-nos do pressuposto de que o/a professor/a encontra-se em uma posição privilegiada na condução das questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, seja através da abordagem curricular, seja através da condução de situações em sala de aula, ao pontuar no cotidiano, os limites do que pode ou não pode ser dito, do que pode ou não ser explicitado e de que maneira deve ser feito.

De fato a escola aparece com uma participação importante nas transformações no mundo contemporâneo. Nas palavras de Veiga- Neto e Traversini (2009, p.16):

A nossa época, mais do que em qualquer outro momento da história humana, parece ser cada vez mais regulada pela representação cultural e pelo imaginário, pela espetacularização, pelo risco e controle sociais; e, mais do que qualquer outro espaço institucional, a escola parece ainda ser o locus em que tudo isso se combina em poderosos processos de subjetivação.

Os processos de subjetivação podem ser vistos como práticas de constituição do sujeito, onde ele aparece como objeto de uma determinada relação de conhecimento e de poder. Considera-se que as condições através das quais se formam os modos de subjetivação estão vinculadas ao estabelecimento de jogos de verdade, das regras segundo as quais o que um sujeito pode dizer relaciona-se ao campo do que é verdadeiro ou falso. (CASTRO, 2009).

Partindo desta ótica, este trabalho teve como objetivo investigar a partir dos significados construídos por quatro professores de uma Escola Técnica, quais questões de gênero e sexualidade são evidenciadas dentro do ambiente escolar, se estas questões se articulam ao currículo e qual o posicionamento dos professores em relação a estas questões. Trata-se de parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, sendo um estudo qualitativo que se insere no campo do pós estruturalismo e dos estudos culturais.

Metodologia

Para a análise das entrevistas nos pautamos na concepção de que os discursos não apenas representam, mas constroem a realidade ao dar materialidade às práticas as quais invoca (FOUCAULT, 1984). O discurso teria uma relação íntima com o poder, uma vez que as relações de produção e significação nas quais o sujeito humano é colocado se encontram correlacionadas a uma complexa rede de poder que:

“(...) exerce-se sobre a vida quotidiana imediata, que classifica os indivíduos em categorias, os designa pela sua individualidade própria, liga-os à sua identidade, impõe-lhes uma lei de verdade que é necessário reconhecer e que os outros devem reconhecer neles. É uma forma de poder que transforma os indivíduos em sujeitos.” (FOUCAULT, 1995, p.235)

Nesse entendimento o discurso sempre se produziria em relações de poder, havendo duplo e mútuo condicionamento entre práticas discursivas e não-discursivas.

Explicitada a fundamentação metodológica, passamos ao detalhamento do contexto do estudo, dos sujeitos da pesquisa e dos procedimentos de coleta de dados.

A escola Técnica Estadual aonde se deu o estudo é uma instituição de ensino público localizada no Rio de Janeiro, na região norte da cidade. Trata-se de uma escola de ensino médio com os cursos técnicos de Eletrônica, Mecânica, Telecomunicações, Edificações e Eletrotécnica que podem ser concomitantes ou subsequentes. Conta com um total de 1650 alunos, incluindo os três turnos (manhã, tarde e noite).

A investigação foi realizada junto a professores do período diurno onde estão matriculados alunos em uma faixa etária compreendida entre 13 e 21 anos, na sua maioria pertencentes à classe média ou classe média baixa. A escolha do período diurno se deu pela faixa etária dos alunos composta por adolescentes e jovens, diferente do perfil do alunado noturno constituído predominantemente por alunos já adultos.

A coleta de dados ocorreu no período entre fevereiro e abril de 2011, realizamos entrevistas semi estruturadas com professores/as, em uma faixa etária entre 35 e 56 anos.

Selecionamos dois professores e duas professoras em um total de quatro professores que representassem abordagens disciplinares diferentes. Desta forma entrevistamos um professor e uma professora de física, uma professora de biologia e um professor de geografia, respectivamente contemplando as áreas de atuação exatas, biológica e humanas. Os professores ministravam aula nas três séries do Ensino Médio na Escola Técnica investigada. O contato se deu por indicação da coordenadora geral, de outros professores e dos alunos. As entrevistas, que tiveram duração de 35 a 60 minutos, foram realizadas dentro do ambiente escolar em salas reservadas, geralmente nos intervalos entre as aulas.

Resultados

Evidências de gênero e sexualidade na sala de aula

Todos os professores relataram situações em sala de aula em que a homossexualidade se manifestou de diversas formas. Seja através do próprio aluno ou aluna, evidenciando sua preferência sexual mostrando a foto do namorado ou namorada do mesmo sexo, seja através de manifestações de carinho entre os alunos dentro de sala de aula: *“Vejo homossexual, namorado, namorada na sala de aula claramente, dá pra perceber.”* (Professor de Geografia)

Estas evidenciações na forma de expressão da sexualidade parecem suscitar situações

onde o/a professor/a é chamado/a a posicionar-se como nos relata a professora de biologia a respeito de uma ocasião em que foi procurada para conversar depois da aula por um aluno que se encontrava com dificuldades por ser homossexual: *“professora, eu sou gay e ninguém me aceita assim”*.

Em outros momentos, os alunos extravasam a expressão da sexualidade na sala de aula como explicitado pela Professora de física:

“Essas coisas vão aparecendo de uns tempos pra cá. Era muito mais reservado, agora não, se você não segurar eles vão na sala, já todo mundo abraçado, eu falo: “Epa! Epa! Pode parar!”.

O depoimento dos professores e professoras ressalta mudanças na forma como os jovens expressam-se e exercitam sua sexualidade nos últimos anos. Uma vez que as posições de sujeito parecem mudar vertiginosamente, característica da pós modernidade, surgem situações em que os papéis antes fixos e perenes apresentam-se dúbios, gerando incertezas e dúvidas na forma como lidar com as situações que se apresentam:

“Tinha uma menina na sala de aula que parecia um menininho e eu me confundi e eu chamei na chamada, ela respondeu e eu chamei de novo (...) e ela mesmo falou: “É, sou eu mesma, todo mundo sabe que eu sou assim”. Eu dei uma gafe e não queria magoar ninguém.” (Professor de geografia)

A professora de física destaca também a fluidez com que os jovens estão vivenciando sua sexualidade na atualidade:

“(...) tem uma menina lá que falou: “professora até ano passado ela era Joãozinho, esse ano ela está namorando um menino.” Então tem essas coisas que eu não sei se é moda, se eles se inspiram em cantor, na televisão, não sei.”

Ao evidenciarem-se de forma enfática no ambiente escolar as questões de gênero e sexualidade ativam mecanismos de regulação das práticas, do que pode ou não pode ser dito e da forma como deve ser dito numa constante negociação de sentidos, como nos mostram os seguintes trechos:

“Em outra unidade escolar (da mesma rede de escolas) eles inclusive fizeram um documento para namorar e beijar na escola, os alunos homossexuais, a direção não permitiu porque não permite também os heteros. Isso foi discutido em conselho e optamos por não permitir porque não era o lugar, mas tem professor que ainda se chocava de ver menina beijando menina na boca.” (Professor de geografia)

“Outro dia eu passei, tinha duas se agarrando, eu falei: “Olha só, na escola, no corredor da escola vocês não podem ficar assim, (...) vocês não podem ficar no corredor se agarrando”. Tem uns que são assim e tem uns que fazem pra, de repente, mexer com alguém, chocar, sabe como o jovem é.” (Professora de física)

É importante observar que tais negociações a respeito da livre expressão da orientação sexual na escola intensificam-se em um momento social de muita efervescência neste sentido, em discursos e práticas que circulam nos diversos âmbitos da sociedade: nas reivindicações para mudança na legislação do casamento homossexual; na recorrente presença de personagens homossexuais em novelas; na polêmica de produção de cartilhas sobre diversidade sexual nas escolas e em políticas voltadas para o combate à homofobia.

Além da temática da homossexualidade, que apareceu de forma maciça, outras questões foram bastante evidentes nas falas dos professores, tais como os relacionamentos entre os jovens, de uma forma geral, onde o professor por vezes ocupa o espaço de “conselheiro”.

Novamente a fluidez dos relacionamentos que caracterizam não só a juventude como a contemporaneidade, como bem explicita Bauman (2004), parecem ocupar um lugar de destaque nas falas dos professores:

“(...) tem o lado emocional também que eles se apaixonam muito, engraçado, né? De vez em quando eles estão sofrendo de paixão, eles vem conversar, às vezes a menina vem contar: “Ah! Porque eu tava gostando do menino, aí eu saí uma vez e ele não quer mais saber de mim, mas eu tô gostando dele, eu achei que ele gostasse de mim”. Aí chorando. Aí tem que conversar: “Ah! a vida é assim, a gente sofre um pouquinho mas você vai conhecer outras pessoas”(...)A sensação que eu tenho é assim, que eles são muito felizes, na hora, tem aquela felicidade mas ao mesmo tempo o sofrimento é intenso, tudo é intensamente.” (Professor de geografia)

“(...) Você tá dando exercício, você ouve a garota falar que saiu com fulano, que transou com fulano de uma forma natural, eu acho que na idade deles isso não é natural (...) eu tenho garotas (alunas) que com 16 anos, já estavam com uma vida sexual mais ativa do que muita gente que eu conheço, então o que acontece, há uma banalização da coisa (...) eu falo pra elas: “como que você fica numa festa? Se você não conhece a pessoa, você sai beijando?(...) você não sabe nada dessa pessoa e sai se dando assim de qualquer maneira?”” (Professor de física)

Posicionamento dos professores e articulação com o currículo formal

Identificamos uma diversidade muito grande na forma como cada um dos quatro professores se posiciona diante de questões relacionadas à sexualidade suscitadas por alunos dentro do ambiente escolar. De fato, tanto a própria área de atuação do professor (humanas, exatas ou biológica) como posicionamentos pessoais pareceram atravessar o direcionamento dado à temática e favorecer uma determinada abordagem.

A inserção das temáticas de sexualidade e gênero no currículo formal desta escola técnica foi relatada como bastante reduzida, havendo uma proeminência das disciplinas direcionadas ao curso técnico em detrimento das do ensino médio regular. A temática como conteúdo formal a ser trabalhado está presente nas disciplinas de Biologia na parte de “Corpo Humano” e “Ações Genéticas” e na de Geografia através do conteúdo “Populações” que aborda as questões de “Discriminação Sexual”.

A professora de biologia evidenciou uma preferência por abordar sexualidade e gênero de forma indireta relatando que, “*por experiência*”, os alunos não se sentem à vontade para falar do assunto diretamente. Desta forma, costuma deixar que o assunto surja naturalmente por demanda dos alunos:

“Quando a gente trabalha ações genéticas, fala de cromossomo x e y, na hora eles querem saber o que é o hermafrodita, o que é o homossexual. A gente pega eles no primeiro ano muito novinhos às vezes com 13 anos, aí o aluno falou pra mim: “professora, o homossexual é homem com homem, o heterossexual é homem com mulher, o que é o metrossexual?”. Porque ele não fazia a menor ideia e o pessoal ficava chamando ele de metrossexual e ele estava desorientado sobre o que era aquilo.”

O relato da professora de biologia revela o currículo como uma política cultural voltada para a transmissão não apenas de conhecimentos objetivos, mas também para a construção de significados e valores sociais e culturais, interferindo de forma significativa tanto na constituição do *sujeito* como na *noção de sujeito*. (SILVA, 2003;VEIGA-NETO,

1998)

Esta mesma professora destaca que os alunos possuem muitas perguntas técnicas que acabam por propiciar o desenvolvimento do conteúdo formal de biologia: *“Eles querem saber mais do funcionamento (do corpo) e eles tem uma deficiência de informações neste sentido e isso dá aula”*. Acrescenta que:

“Os alunos querem saber (sobre sexualidade), se você quer chamar atenção do seu aluno e se você falar de sexo, drogas ou dinheiro eles prestam atenção, é incrível, se você for falar sobre mitocôndria e fizer uma relação da mitocôndria com sexo ou sexualidade eles vão prestar atenção na sua mitocôndria porque eles tem perguntas e uma coisa crucial, eles não tem pra quem perguntar.”

Ainda a professora de biologia ressalta a forma de circulação das informações entre os alunos, apontando que mesmo com todo o acesso às fontes de informação permanecem muitas dúvidas, que são sanadas de forma nem sempre eficientes:

“Perguntam muito pros amigos, por exemplo, aluno repetente que é mais velho, tem mais experiência. Então eu já vi várias rodinhas, um dia tinha um falando: “Não, você bota, bota, bota, quando for (ejacular) você tira, aí vai fora”. Aí o outro assim: “Mas isso funciona?”. Aqui nesse corredor, e eu olhando, e eu ouvindo, aí perguntei a turma deles e na próxima aula trouxe o que era ejaculação.”

Embora esta professora pareça articular, de forma bastante coerente, as questões suscitadas pelos alunos aos conteúdos a serem abordados na disciplina que ministra (biologia), ela evoca constantemente, em suas considerações, uma falta de atualização e *“nenhuma formação”* na área de sexualidade. Relata ter *“medo de prejudicar mais eles, do que ajudar”* por conta desta falta de formação, preferindo silenciar-se sobre alguns assuntos: *“o que eu não sei, eu não abordo.”*

Altman (2005, p.71), em sua pesquisa a respeito da educação sexual na escola, sinaliza a forte influência do discurso médico e biológico no modo como a escola desenvolve trabalhos de educação sexual, ressaltando que a diferença entre a escola e outros espaços é o fato dela ser um local de acesso a explicações mais detalhadas e confiáveis, tidas como científicas e, em consequência, consideradas verdadeiras.

A professora de biologia ao evitar abordar algumas temáticas que surgem em sala de aula relativas a gênero e sexualidade, sinaliza uma necessidade de dominar explicações que contenham uma *“validade científica”* para trabalhar determinados conteúdos. Neste sentido o trabalho de Altman acrescenta que é a partir deste saber *“científico”* que a escola busca regular e intervir no comportamento sexual dos jovens, focalizando como temas principais as doenças sexualmente transmissíveis e a gravidez na adolescência.

Uma visão predominantemente biológica apareceu de forma enfática na fala do professor de física com destaque para as questões de gênero ligadas à sexualidade:

“Eu acho que há muita liberdade talvez devido a essa igualdade que se queira dar entre homem e mulher, mas eu acho que essa igualdade é entre aspas, porque você não pode ter o mesmo nível de tratamento entre homem e mulher porque existe uma relação diferente (...) os sentimentos são diferentes, isso é genético, é biológico, então nós estamos agredindo a própria natureza na forma que nós tratamos. (...)”

“(...) A questão sexual deve ser abordada de uma forma muito mais responsável, do âmbito de envolver até a parte biológica, mostrar pra eles que uma vida

sexual ativa numa idade dessa é perigoso até para a própria saúde, principalmente a mulher; o homem nem tanto porque é externo mas a mulher é interno, é invasivo.”

As considerações do professor de física são compatíveis com as concepções predominantes no discurso da sociedade moderna que acabou por produzir novas hierarquias através dos diferentes níveis de racionalidade e corporeidade, transformando em materialidade o progresso do desenvolvimento humano. Refletiu-se, por exemplo, na desigualdade entre homem e mulher pautada nos termos do discurso científico que legitima a diferença sexual através do argumento da diferença biológica de essência entre os sexos. (BIRMAN, 2001).

A temática gênero aparece nas discussões a respeito da orientação sexual escolar como um conceito determinante e imprescindível na abordagem da sexualidade de jovens adolescentes (NOGUEIRA et al, 2008). Em estudo a respeito das tradições hegemônicas dos currículos de ciências, com destaque para a diferença de gênero evidenciadas nos livros didáticos mais vendidos na década de 90, Macedo (2007) considera que os endereçamentos da ciência escolar têm implicações pedagógicas e impactam fortemente a vida dos alunos ao tentar controlar as posições de sujeito que podem ser assumidas.

Somando-se a isso, encontramos de forma recorrente em artigos de periódicos da área de ensino de ciências e da educação, o tratamento de gênero de forma fixa, associado predominantemente à materialidade do corpo, constituindo-se apenas como uma distinção de ordem biológica entre homens e mulheres (CHETCUTI, 2009) (MILLER, 2006) (WILHELM, 2009).

Chama a atenção o depoimento do professor de geografia, representante das áreas humanas nesta investigação. Na abordagem da sexualidade em sala de aula o professor considera fácil e sem problemas lidar com as questões que aparecem, dando um enfoque maior às questões políticas envolvidas na homossexualidade e articula a temática com o currículo formal ao abordar a “discriminação sexual” dentro do conteúdo “população”:

“Eu trabalho a questão do Estado, com a questão de como lidar. A gente sempre lida com a questão do Estado (...). Quando chega essa questão do gay, do homossexual, é sempre bem debatido, então a gente sempre coloca essa questão do direito, se deve ou não casar, se o gay deve ter direito a criar, ter filho, como que vai ser, cadê o pai, cadê a mãe. Vão ser dois pais, duas mães ou não. Casar, isso sempre gera controvérsia”

Este professor ressalta a dificuldade na articulação das discussões dos direitos homossexuais com as convicções religiosas que surgem entre alguns alunos. Relata que diante deste impasse com os alunos, aproveita para marcar a diferença entre Estado e Religião.

É possível notar através da fala do professor de geografia, um desenvolvimento da temática nitidamente diferenciado daquele dos outros professores ligados ao campo da educação em ciências. Certamente a bagagem epistemológica deste professor, responsável por conteúdos de humanidades, é determinante neste tipo de abordagem.

A forma como as discussões sobre sexualidade são organizadas na sala de aula; a forma como o conhecimento é concebido e ancorado ou não em questões e interesses dos alunos; a possibilidade de explorar a relevância deste conhecimento para a própria vida dos alunos, irá repercutir numa compreensão mais ampla do alcance e das possibilidades da sexualidade humana. Ainda que a linguagem do sexo seja imprecisa e que a discussão a respeito da sexualidade seja permeada por uma ambigüidade da própria linguagem, é

predominante na cultura escolar uma insistência no estímulo a respostas estáveis e numa preponderância no ensino dos fatos em detrimento à compreensão de questões íntimas. (BRITZMAN 2001)

O contexto do ensino técnico e a abordagem de gênero e sexualidade

O fato de esta ser uma escola de ensino profissionalizante com enfoque nas áreas técnicas, determina uma redução na carga horária nas disciplinas biológicas e humanas, mais propícias a abordar a temática de gênero e sexualidade no currículo formal. Além disso, ao longo da análise das entrevistas foi possível perceber a utilização do argumento de que aquele é um ambiente de profissionalização, para o adiamento do debate de questões manifestadas pelos alunos no cotidiano escolar, como evidencia a professora de biologia:

“Eu não sei, por exemplo, como tratar uma situação de lesbianismo em sala de aula, aí eu uso sempre a desculpa do curso técnico, que eu tô preparando profissionais, que no local de trabalho você não pode ter essa postura (...)”

O direcionamento para o ensino profissional não só é utilizado como argumento, como, de fato, repercute na rejeição a determinadas situações ou acontecimentos, como aponta esta mesma professora. Ela ressalta que a gravidez durante o curso constitui um empecilho para a continuidade do mesmo. As meninas grávidas acabam abandonando ou, em casos raros, sendo remanejadas para o turno da noite.

Nota-se uma ênfase na consideração a respeito da postura do profissional, da responsabilidade, do “saber se comportar” que invariavelmente resvala nas manifestações de comportamentos indesejados relacionados à sexualidade dos jovens:

“Aqui, na verdade, o aluno é profissional, (...) objetivo na verdade é ele já ter a postura de profissional, e eles não têm esse discernimento, eles se perdem, eu reparo isso dentro de sala, eles se perdem (...) entre os meninos e as meninas (...) fica aquela questão de gracinha de garota com garoto então isso dispersa.(...) Eu falo em todas as turmas normais que eu dou aula(...): “você podem pegar as estatísticas, o comportamento de vocês está afetando o lado profissional e afetar o lado profissional é afetar a vida.”

Conclusões

Neste estudo voltado para o entendimento das formas como as questões de gênero e sexualidade são significadas por professores em uma instituição pública de ensino técnico na cidade do Rio de Janeiro, ficou evidente uma identificação por parte dos professores, informantes na pesquisa, de uma mudança, em curso nos anos recentes, na forma como os alunos se expressam e exercem as questões ligadas ao gênero e à sexualidade.

De acordo com o relato dos professores, está havendo uma maior expressão da homossexualidade dentro do ambiente escolar de diversas formas, explícita e implicitamente. Estas mudanças na expressão da sexualidade parecem suscitar situações onde o/a professor/a é chamado a se posicionar diante dos alunos. Ao mesmo tempo, identificam que as posições de sujeito assumidas pelos alunos em relação às questões de gênero e sexualidade, parecem mudar de um momento ao outro. Papéis antes fixos e perenes como os ligados ao gênero, apresentam-se dúbios, gerando incertezas e dúvidas entre os/as professores/as na forma como lidar com as situações que se apresentam

Temáticas como decepções amorosas ou a referência a experiências sexuais também foram relatadas como frequentes em sala de aula, levando os/as professores/as em diversos

momentos a ocupar o espaço de “conselheiros” no relacionamento entre os jovens.

Identificamos uma grande diversidade na forma como cada um dos quatro professores se posiciona diante das questões suscitadas por alunos, embora a abordagem biológica apareça de forma mais enfática tal como encontrado em estudos como de Altman (2005). Tanto a própria área de atuação do/a professor/a (humanas, exatas ou biológicas) como os posicionamentos pessoais parecem interferir na forma de atuação dos/as professores em relação às questões de gênero e sexualidade.

Segundo os/as informantes, embora os alunos apresentem muitas curiosidades e dúvidas técnicas a respeito do funcionamento de seu próprio corpo e uma deficiência de informações neste sentido, não contando com ninguém para perguntar, eles não se sentem à vontade para falar do assunto diretamente. As questões ligadas à sexualidade parecem ser debatidas mais livremente pelos alunos quando abordadas indiretamente, a partir de ações pedagógicas que permitam que o assunto surja naturalmente, por demanda dos alunos.

Este achado parece corroborar com o estudo realizado em 1998 no Canadá, a respeito da abordagem pedagógica no ensino médio sobre HIV/AIDS. O trabalho evidencia um desinteresse dos alunos nas aulas em que esta temática é abordada diretamente. Uma das principais razões explicitadas para este desinteresse está na forma como a discussão é organizada, privilegiando a concepção do conhecimento como expressão de respostas certas ou erradas e, portanto, apenas como conhecimento de fato. Não é deixado espaço para a abordagem de questões e interesses dos alunos sob o argumento de que é necessário cumprir a matéria determinada pelo currículo formal (BRITZMAN, 2001).

Semelhante ao estudo citado, os depoimentos dos/as docentes evidenciam um adiamento do debate de questões de gênero e sexualidade manifestadas pelos alunos no cotidiano escolar, sob a justificativa de que se trata de uma escola de ensino profissionalizante com enfoque nas áreas técnicas e voltada para a preparação para o trabalho. Ao mesmo tempo é explicitada uma falta de formação na área de sexualidade provocando silenciamentos a respeito de alguns assuntos.

Estudos a respeito das questões de gênero e sexualidade na escola têm se intensificado nas últimas décadas, principalmente após o aumento da gravidez na adolescência e da epidemia de Aids/HIV, culminando com a introdução desta temática como tema transversal nos PCNs. Observa-se uma ênfase em estudos que levem em conta apenas a aquisição de conhecimentos acerca da materialidade do corpo; desta forma, acreditamos que estudos como o presente, que levem em conta as esferas da subjetividade, do afeto e relacionais envolvendo tanto professores quanto alunos representam uma grande contribuição para uma melhor compreensão do alcance e das possibilidades da sexualidade humana.

Ao se mostrarem de forma enfática no ambiente escolar, as questões de gênero e sexualidade ativam mecanismos de regulação das práticas, incitando ao estabelecimento do que pode ou não pode ser dito e da forma como deve ser dito, numa constante negociação de sentidos. As negociações a respeito da livre expressão da homossexualidade na escola se tornam mais evidentes em um momento social de muita efervescência em relação a estas questões, sendo possível perceber uma intensificação na circulação de discursos e práticas nos diversos âmbitos da sociedade.

Ressaltamos que este é um estudo ainda em fase preliminar, que inclui o depoimento de apenas quatro professores/as, havendo a importância da ampliação do mesmo para a investigação mais aprofundada dos resultados até aqui obtidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese (doutorado em Educação). Departamento de Educação- PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **O amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, Joel. Subjetividade, contemporaneidade e educação. In: CANDAU, Vera Maria (org). **Cultura, Linguagem e Subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 192p.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual. Vol. 10. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL. Parâmetros Curriculares (Ensino Médio). 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acessado em 20-05-2011

BUTLER, J. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

CHETCUTI, D. Identifying a Gender-inclusive Pedagogy from Maltese Teachers' Personal Practical Knowledge. **International Journal of Science Education**. v. 31, Issue 1, Jan 2009, p. 81 – 99

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**. São Paulo, SP: GRAAL, 1984

FOUCAULT, Michel, O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L., RABINOW, Paul. **Michel Foucault uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2005

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MACEDO, E. Um Discurso Sobre Gênero nos Currículos de Ciências. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.32, n.1, jan/jun 2007, p.45-58.

MAISTRO e LORENCINI JÚNIOR. Os limites das possibilidades de desenvolvimento de projetos de orientação sexual na escola. **Atas do V ENPEC**, 2005

MILLER, P.H; SLAWINSKI, J.B. and SCHWARTZ, S. Gender Differences in High-school Students' Views about Science. **International Journal of Science Education**, v. 28, Issue 4, March, 2006, p. 363 – 381.

NOGUEIRA, C. e COSTA, L. S. Cecília. (In)Visibilidade do gênero na sexualidade juvenil: propostas para uma nova concepção sobre a educação sexual e a prevenção de comportamentos sexuais de risco. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n.2 (56) mai/ago 2008, p.59-79

PACHECO, M. **Memórias de professores(as) sobre sexualidade e o currículo como**

narrativa. 2007. 182f. Tese (Doutorado Em Educação)- Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 6ª edição. São Paulo: Cortêz, 2009.

SILVA, Tomáz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução as teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

TALAMONI e BERTOLLI FILHO. Representações sociais do corpo humano: desafios e implicações para o ensino de ciências. **Atas do V ENPEC**, 2005.

VEIGA-NETO, A. Currículo e História: uma conexão radical. IN: COSTA, Marisa V.(org) **O currículo nos limiars do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

VEIGA-NETO, A. e TRAVERSINI, C. Por que Governamentalidade e Educação?Apresentação. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v.34, n.2, mai/ago, 2009, p.13-19.

WILHELM, J. Gender Differences in Lunar-related Scientific and Mathematical Understandings. **International Journal of Science Education**, v. 31, Issue 15, October 2009, p. 2105 – 2122.